

O sentimento trágico do século XIX*

Araripe Júnior**

Resumo: Texto publicado no anuário carioca *Almanaque Garnier*, em 1904. Nele Araripe Júnior procura abordar o sentimento trágico do século XIX; para tanto, parte do primeiro livro do jovem Nietzsche, *A origem da tragédia*. O autor sustenta que o sentimento trágico encontrado na obra do jovem Nietzsche não corresponde ao sentimento trágico grego, mas ao sentimento trágico moderno, em particular do século XIX.

Palavras-Chave: Nietzsche – sentimento trágico – *A origem da tragédia*

§ 3º

Na sua interessante obra, *A origem da tragédia*, Nietzsche propõe-se definir o sentimento trágico tal qual deveria ter existido entre os gregos.

Parece, porém, que o filólogo se deixou trair pelo sentimento da modernidade. Nietzsche, em lugar da tragédia grega, esboçou o paganismo do século XIX. Esse neopaganismo acabou por concretizar, em seu espírito, as tendências, algo paradoxais, da filosofia da grandeza pelo instinto.

Seja, entretanto, como for, o gênio desse escritor, para não dizer desse poeta, ultrapassou, em penetração os mais cheios de

* Publicado no *Almanaque do Garnier* (A.B.G.). Rio de Janeiro, ano de 1904, p. 01. Depois reeditado na *Obra Crítica de Araripe Júnior*, Volume V. 1911, p. 86-89.

** Tristão de Alencar Araripe Júnior (1848-1911). Crítico, cronista e membro da Academia Brasileira de Letras.

emotividade trágica do século passado. E foi semelhante emotividade estranha que o seu espírito crítico transferiu para essa arte helênica, que os críticos, quase universalmente convinhavam em achar tão singularmente tranquila, modulada e grave, na serenidade dos olhos sem pupilas das suas estátuas de puro mármore.

Sempre cuidei que por baixo da placidez dos mármores helênicos, havia alguma coisa de tumultuoso e até macabro, que, à nossa vista míopes, era vedado descobrir, do mesmo modo que é impossível discernir a paixão que trucidou a formosa egípcia, hoje mumificada na intraduzibilidade do sarcófago, onde depositou o carinho do Faraó de há cinco mil anos. Mas, daí para o que a Nietzsche se afigura, vai um grande esforço; – contraste que me leva a crer na metáfora operada em seu espírito pelo excesso de atenção prestada aos monumentos legados por aquela grande cultura artística.

O pensador alemão prevê a ressurreição da tragédia dionisíaca. Não é sem arrepio de espanto que se lê esta imprecação:

Crede amigo, meus amigos, na vida dionisíaca e na renascença da tragédia. Os tempos do homem socrático passaram. De tirso em punho, coroi-vos de pâmpanos; e não vos mostreis espantados se o tigre e a pantera vierem deitar-se, festivos, mansamente aos vossos pés. Tende coragem, e agora é assumir a atitude dos homens trágicos: e porque sois livres, não vos escuseis ao trabalho glorioso de escoltar o cortejo dionisíaco da Índia e da Grécia!¹

A convicção de Nietzsche é grande e comunicativa. Que é a vida na sua opinião? É um mistério resolúvel na tragédia. A despeito do terror e da piedade, é preciso que gozemos a felicidade de viver “não tanto enquanto indivíduos com vida nua, total, confundidos e absorvidos na alegria criadora”.

¹ Nietzsche, *L'Origine de la Tragédie*, p. 187. Trad. Marnold. Paris, 1901.

A história das origens da tragédia grega, – acrescenta o crítico, – nos revela, com precisão luminosa, o modo porque a obra d’arte trágica dos gregos nasceu realmente do gênio da música; e com o auxílio dessa ideia, acreditamos ter, pela primeira vez, exatamente interpretado o sentimento primitivo e singular do coro. Mas é preciso convir em que o alcance do mito trágico, tal qual o estabelecemos, nunca foi percebido, com nitidez manifesta, pelos poetas e ainda menos pelos filósofos da Grécia; a linguagem de seus heróis é, até certo ponto, mais superficial do que seus atos; o mito não encontra, por forma alguma, objetivação adequada no discurso. A sucessão das cenas e o espetáculo dos quadros proclamam uma sabedoria mais profunda do que o próprio poeta é capaz de atingir por meio de palavras e das ideias. Fenômeno semelhante pode observar-se em Shakespeare, cujo Hamlet, por exemplo, numa acepção análoga, fala mais superficialmente do que obra, de sorte que não é das palavras, mas da profunda contemplação do conjunto que se deduz essa filosofia de Hamlet, precedentemente exposta.²

E assim chega-se até ao pensamento original de que em futuro próximo, abandonada a “moral de atitudes”, de Sócrates, a “hipocrisia dos humildes”, do cristianismo, e a “virtude utilitária” da democracia moderna, o homem como o grego dionisíaco, e agora com mais força, graças ao que a experiência lhe tem ensinado, saberá querer a verdade e natureza em todo o seu esplendor e, de modo novo, se metamorfoseará em sátiro.

Os heróis tiveram, na Idade de Bronze, os seus combates de Titãs. As monstruosidades dessa época lhes geraram o amargor da vida, donde, pouco a pouco, saiu o mundo homérico, sob a influência tutelar do instinto da beleza apolínia. Esse esplendor ingênuo foi devorado pela invasão ruidosa da torrente dionisíaca, o que ocasionou outro fenômeno curioso. Contra esses poderes novos e formidáveis, levantou-se, ainda uma vez, o espírito apolíneo na majestosa

² *Op. cit.*, p. 152.

rigidez da arte dórica e na concepção dórica do mundo. A luta da individuação analítica da beleza contra o entusiasmo da absorção do homem da vida integral formou as grandes épocas da arte grega.

Para que ponto do infinito tendiam esses esforços, essas transformações, desde que não queiramos considerar a arte dórica como sua última manifestação e termo supremo dos instintos estéticos? Pergunta Nietzsche.

O agregado misterioso, resultante dessas batalhas, dissolveu-se na evolução histórica mediterrânea.

Os tempos modernos teriam tentado a sua reprodução?

Nietzsche, num estilo brilhante, quanto perturbador, às vezes incoerente, não raro desesperador inçado de sacrilégios, propõe a fórmula da sátiro do futuro.

A sua obra, que seguramente se assinalará, na literatura das nações modernas, como uma pretensão genial e, ao mesmo tempo, insensata, não faz outra coisa senão continuar o programa do *Fausto*, de Goethe.

O mundo ocidental também teve a sua luta de Titãs. Da Idade Média, emergiu o homem cheio de pavores, de sonhos, de enfermidades. Mal os destroços do Império Romano começaram a recompor-se em cidades, ao influxo do Renascimento e do Cristianismo surgiu a guerra antiga sob aspecto mais amplo e fulgurante.

Que tem sido a vida, sob essa vaga denominação de civilização senão a luta do indivíduo contra a crença, na forma do Estado?

Nietzsche pretendeu perscrutá-la. Deu-lhe uma solução? A *super-humanidade* terá visos de filosofia?

Qualquer que seja o destino do seu paradoxo em filosofia moral, é certo, porém, que a sua obra repercute a ansiedade trágica do fenômeno da moderna vida social. Não há quem leia os aforismos da *Gaia Ciência*, da *Genealogia da Moral*, do *Acima do Bem e do Mal*, do *Assim falou Zaratustra*, da *Vontade de poder*, que não experimente a surpresa de um pensamento infernal, escondido nas obras da própria consciência.

Nietzsche arrojou-se a traduzir em livros, com a aparência de tratados filosóficos, o inferno da filosofia política, que se oculta sob o aspecto plácido, aparentemente tranquilo, dos compêndios profissionais de Leibniz, de Spinoza, de Bacon, de Descartes, de Kant, de Comte, de Spencer, de Schopenhauer e de Hartmann.

Explicar a vida!

Senti-la, exprimir artisticamente o seu mistério, isto começou a fazê-lo na época moderna, o gênio do poeta de Stratford-on-Avon.

Esta situação estética é bem provável que Nietzsche a compreendesse; e não parece sem significação o sátiro do futuro que ele imagina, nem será novidade que o sentimento trágico venha a constituir a verdadeira base da obra artística do século XX.

Abstract: Text published in the yearbook *Almanaque Garnier*, in 1904, on the Rio. It, Araripe Júnior seeks to address the tragic sense of the nineteenth century, therefore, part of the first book of the young Nietzsche, *The origin of Tragedy*. The author maintains that the tragic sense finding in young Nietzsche's work does not correspond to the Greek tragic sense, but the modern tragic feeling, particularly the nineteenth century.

Keywords: Nietzsche – tragic sense – *The origin of Tragedy*